

## “Ouvindo” as imagens do corpo: a adolescência abordada pela história oral

“Listening” the images of the body: adolescence through oral history

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira; Marcia Souto Maior Mourão Sá  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO:

O texto trata do cotidiano escolar de adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos de idade, pertencentes a diferentes classes sociais. A pesquisa, ainda em andamento, já entrevistou 120 jovens usando a linha de história de vida e, através da categorização de várias temáticas recorrentes nos relatos dos jovens, pode estabelecer desde já os significados emprestados às práticas e ao cotidiano escolar pelos adolescentes. As narrativas nos mostram, ainda, como as relações passado/presente, que inspiraram e deram nome à revista britânica de história “Past and Present”, modelam as expectativas de futuro e dão corpo e sangue aos sonhos desses jovens. A escolarização é penosa para muitos, mas mesmo sendo uma travessia sofrida, um mal necessário, não conseguem vislumbrar uma vida futura sem ter vivido a experiência escolar. Enfim, em nenhum tempo de verbo – passado, presente, futuro – a escola está ausente. O referencial teórico está assentado na combinação de várias abordagens teóricas – psicanálise, sociologia, antropologia, história e educação –, porque entendemos que seria impossível interpretar a realidade vivida por esses jovens com um único olhar teórico. Os jovens apontam para novas dinâmicas sociais e culturais, lutando para serem respeitados pelo mundo adulto que ainda os vê como crianças, subestimando suas competências e, de forma sistemática, são excluídos de diversas práticas e movimentos sociais. A escola, significante do mundo adulto, não foge à regra da exclusão, tratando-os como rebeldes e transgressores de um modelo de vida considerado o único possível.

**Palavras-chave:** adolescência; imagens do corpo; história oral.

### ABSTRACT:

The text approach the scholar daily of adolescents in the age group from 12 to 18 years of, belonging to different social classes. The research, still in process, already interviewed 120 youths using the method of life history and, through the categorization of several appealing themes in the youths' reports, can establish at once the meaning of the practices and the everyday school for the adolescents. The narratives show us, still, as the relationships past / present, that it inspired and gave name to the British magazine of history "Past and Present", they model the future expectations and give body and blood to the dreams of those adolescents. The education is painful for many, but same being a suffered crossing, a necessary evil, they don't get to glimpse a future life without having lived the school experience. Finally, in any time – passed, present and future - the school is absent. The theoretical reference of the research is seated in the combination of several theoretical approaches: psychoanalysis, sociology, anthropology, history and education because we understood that it would be impossible to interpret the reality lived by those youths with a single theoretical glance. The youths appear for new social and cultural dynamics, struggling for be respected by the adult world, that still sees them as children, underestimating their competence. In a systematic way, they are excluded of several practices and social movements. The school, significant of the adult world, doesn't flee to the rule of the exclusion, treating them as rebellious and transgressors of a life model considered the only possible.

**Key words:** adolescence; images of the body; oral history.

### 1. Introdução

O texto trata do cotidiano escolar de adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos de idade, pertencentes a diferentes classes sociais. A pesquisa, ainda em andamento, já entrevistou 120 jovens usando a linha de *história de vida* e, através da categorização de várias temáticas recorrentes nos relatos

dos jovens, pode estabelecer desde já os significados emprestados às práticas e ao cotidiano escolar pelos adolescentes.

As narrativas nos mostram como as relações passado/presente, que inspiraram a revista britânica de História “Past and Present”, modelam as expectativas de futuro e dão corpo e sangue aos sonhos desses jovens. A escolarização é penosa para muitos, mas mesmo sendo uma travessia sofrida, um mal necessário, não conseguem vislumbrar uma vida futura sem ter vivido a experiência escolar. Enfim, em nenhum tempo de verbo – passado, presente, futuro – a escola está ausente.

O referencial teórico está assentado no entrecruzamento de várias abordagens teóricas – Psicanálise, Sociologia, Antropologia, História e Educação –, porque entendemos que seria impossível interpretar a realidade vivida por esses jovens com um único olhar teórico. Para este texto, escolhemos “iluminar” o referencial teórico da Psicanálise, no que ele enfoca – longitudinal e historicamente – a adolescência, como etapa do ciclo vital do ser humano.

Os jovens apontam para novas dinâmicas sociais e culturais, lutando pelo respeito do mundo adulto que ainda os vê como crianças, subestimando as suas competências e, de forma sistemática, são excluídos de diversas práticas e movimentos sociais. A escola, significante do mundo adulto, não foge à regra da exclusão, tratando-os como rebeldes e transgressores de um modelo de vida considerado o único possível.

Em um dos comentários de Vilanova (1994: 48) acerca das fontes orais, a autora defende a subjetividade criadora da fonte oral, que a torna útil, distinta e absolutamente necessária para uma história completa. Entende que nunca antes, na história da humanidade, houve a possibilidade de não manipulação dos diálogos, já que a fonte oral – fonte porque está

gravada numa fita não necessariamente transcrita – introduz “uma revolução historiográfica porque impede que os diálogos sejam manipulados como têm sido até o presente”. Assim caminhamos durante as entrevistas com os adolescentes, ouvindo-os falar sobre as suas trajetórias de vida, suas lembranças da meninice, seus lutos pela morte da infância, seus presentes e expectativas de futuro. A escola está enredada em suas vidas ora como o grande palco social, no qual os relacionamentos acontecem, ora como a grande responsável pelos imponderáveis da vida cotidiana. Sem meio-termo, porque nada é morno na vida dos adolescentes!

Ouvimos, também, referências – muitas vezes poéticas e outras vezes sofridas e duras – desse sentimento de estarem vivendo sem um sentido definido, quase “mutantes”, não mais crianças e ainda não adultos, em um ritmo que ainda lhes é ditado pelo mundo que não compreendem bem, à margem do instituído e em um “contra- ritmo” do tempo e da história que até então conheciam.

## 2. O percurso de um estudo

A tarefa metodológica de entrevistar adolescentes provenientes de diferentes classes sociais foi se revelando como uma tarefa de busca, de encontro, de definição e de confrontação com os jovens. Tivemos de propor as entrevistas de certa maneira – configurada em temáticas –, evitando, assim, a confusão conceitual, ou que fosse transformada em um inquérito quase policial para extrair o máximo possível de informações.

Dessa forma, os alunos do Curso de Pedagogia<sup>1</sup> que trabalham na pesquisa descobriram que o mais importante era exatamente o que não era dito: os silêncios. As conversas bruscamente interrompidas, o constrangimento e até mesmo a vergonha para falar sobre determinados

temas, como relacionamento com a família, ter ou não ter namorado, práticas sexuais etc., apontavam para pontos cruciais que prejudicam a independência ou a liberdade de vida dos adolescentes, exibindo os bloqueios sociais presentes na consciência e sublinhando sofrimentos morais.

Por termos trabalhado com um conjunto expressivo de entrevistas, uma amostragem selecionada, os suportes essenciais do universo em análise estavam presentes, o que nos aproximou também da abordagem antropológica e, como afirmou Camargo (1994), pelo fato de estarmos trabalhando com atores que são suportes de uma ideologia da sua classe, podíamos partir da idéia de que nenhum ator pode mentir quanto à sua verdadeira natureza; pode mentir no varejo, na interpretação de um fato ou de outro, mas não pode mentir no que diz respeito à sua relação com o mundo, com o seu trabalho, com a história, com os acontecimentos dos quais participou. Ou, como novamente Camargo enfatiza: a amostragem é a garantia do produto.

Um segundo aspecto importante é o ponto de saturação. Começamos a fazer as entrevistas e, em determinado momento, esgotamos aquele universo. Quando começamos a repetir em demasia a informação, era sinal de aquele circuito se esgotara, que já havíamos reunido tudo que era possível. Foi também um sinal de que este campo que criamos artificialmente, através da entrevista, tinha a sua lógica, que deveria ser trabalhada, e não apenas a informação pontual que os documentos oferecem.

Outro ponto com que estamos lidando na pesquisa é a questão da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. Sem a veleidade de havermos encontrado a “saída mágica” da decantada interdisciplinaridade,

acreditamos que estudos sobre a adolescência permitem o “entremeio” necessário para o ir-e-vir necessário a esta construção.

O que estamos colhendo dessa experiência é que a metodologia potencial ganha quando somos livres para usar instrumentos, procedimentos e abordagens diferentes. Assim, não apenas estudamos psicanálise, mas permitimos que a dimensão psicanalítica esteja presente na relação entre entrevistador e entrevistado, carregada de emotividade e de subjetividade. E ousamos acreditar, como os pós-modernos, que tal emotividade ajuda a entender, ao invés de atrapalhar, desde que não sejamos possuídos, ingenuamente, pelos nossos próprios sentimentos. Ou seja, a emotividade nos aproxima do nosso objeto, permite que seja desvendado, e não obscurecido. E sempre paira no ar a pergunta: como ensinar essa postura aos nossos alunos de pesquisa? Sabemos que ela não é parte do problema da História Oral. É parte, sim, do campo intelectual, do campo da formação profissional que vai levar ao confronto com o nosso produto final e com o produto final de colegas que têm outras idéias e mesmo outras ideologias.

Temos que passar pelo crivo da realidade, que será o elemento aferidor da real contribuição que este material (as entrevistas) nos permitiu produzir. Na formação dos alunos em pesquisa, e no próprio trabalho de pesquisa, é importante frisar que o que dá legitimidade aos procedimentos utilizados não é apenas a preocupação com as formas e os meios, mas o seu produto final: se ele se sustenta ou não diante da realidade.

Retornando à Psicanálise e à sua presença na pesquisa, consolidando uma aliança entre História Oral e história de vida, desde o início percebemos e apostamos na complementaridade entre esses dois métodos e na abertura para o trabalho com as trajetórias dos adolescentes.

A aliança entre História Oral, história de vida e Psicanálise ajuda o pesquisador a construir uma biografia diferente através da coerência longitudinal e temporal, e não da coerência horizontal e transversal. Mais ainda, uma biografia produzida com verdade, pois está montada sobre a coerência interna do discurso, enunciado segundo a lógica da trajetória do entrevistado.

Entender o adolescente por dentro, através da História Oral, no cerne de sua cultura em movimento, é o nosso desafio. Atores que estão em processo, constituindo determinados campos, são marginalizados do mundo adulto e, sem chance de voltar ao mundo infantil, de uma certa forma são submetidos a uma espécie de pacto de sigilo. Embora os adolescentes sofram a exclusão do mundo adulto pelos adultos, estão em vias de se transformar em adultos e testemunham diariamente essas transformações em seus corpos, desejos e sonhos. Incoerente? Certamente! Mas qual homem não é atravessado pelas contradições? Além disso, os jovens já estão marcados pelos acontecimentos passados e presentes de sua família, grupo social, escola, de sua infância etc. É isso que a Psicanálise nos aponta: a eclosão de um ser humano não acontece *ex-nihilo*, sem considerar os acontecimentos presentes e passados.

É preciso considerar também que, no decorrer das últimas décadas, as transmissões entre gerações se complicaram. As idades da vida estão cada vez mais compartimentadas em espaços, socialmente criados, para guardar grupos de pessoas. Assim, entre a creche e a residência para a velhice avançada não vemos diálogo entre gerações, e muito menos transmissão de experiências e histórias. A queixa recorrente de pais e educadores sobre a impossibilidade de diálogo com os adolescentes culpa os

jovens pela distância criada, não levando em consideração as mudanças ocorridas na realidade social.

As oportunidades para que pais e filhos, professores e alunos se conheçam não estão dadas, é preciso criá-las. Esta é uma das muitas verdades que os adolescentes entrevistados nos forneceram e que nos deixaram estarecidas – a solidão da juventude ou, em suas palavras, não ter com quem contar<sup>2</sup>.

Temos, na maior parte do tempo, o sentimento de que nos lembramos bem de nossa adolescência. Ora, a amnésia juvenil é tão evidente na prática clínica da Psicanálise quanto à amnésia infantil, descrita por Freud. As questões da infância, as da adolescência dos pais, de suas relações passadas com seus próprios pais, estão enterradas sob as camadas do tempo e recobertas por lembranças oficiais e aceitáveis. As emoções, os afetos e os novos desejos que emergem depois da puberdade são de uma tal intensidade, que não conseguem se alojar em nossas memórias. Em compensação, eles deixam impressões, marcas sensíveis, impulsos intactos, cicatrizes à altura de sua força.

A geração seguinte explora esses vestígios da nossa juventude através de suas questões, andanças, criações, impasses e os reativa involuntariamente, muitas vezes à nossa revelia. Ela nos oferece, então, a possibilidade seja de bloquear o acesso às nossas lembranças, o que pode levar a situações conflituosas entre jovens e adultos nos diversos cenários sociais, seja de explicitá-las, revivenciando-as e atribuindo-lhes novos significados.

Assim, a Psicanálise nos adverte que os adultos muitas vezes não aceitam visitar suas memórias e misturam, em seus relacionamentos com os adolescentes, questões atuais com questões de sua própria adolescência. Até

mesmo os mais atentos e mais amorosos ficam perturbados quando o filho e/ou aluno tenta afirmar sua autonomia. Trata-se do processo da ambivalência dual, em que sentimentos e identificações contrastantes se misturam.

Surgem os conflitos, um oceano de brigas onde navegam adultos e adolescentes. As entrevistas são testemunhas das feridas causadas por esses conflitos – os pais perdem a paciência e os professores também. Na raiz de tudo a independência, a ser conquistada a qualquer preço.

Atualmente, a maioria dos adolescentes permanece muito tempo junto da família, por razões sócio-econômicas, ou então vivem e andam pelas ruas das cidades como vagabundos rejeitados, na corda bamba da floresta urbana. Encontrar um emprego é quase impossível. Adquirir autonomia financeira, se tiver muita sorte em sua trajetória escolar, só depois dos 25 anos. Cada dupla família-adolescente fica restrita a seus próprios movimentos, sem a ajuda de uma instância exterior que autorizaria um distanciamento.

### **3. Adolescência e Psicanálise: três olhares, três “escutas”**

Os três “olhares ou escutas” sobre a adolescência, ou ritmos a ela atribuídos, a que nos referimos, são psicanalíticos. Referem-se a Freud, Erikson, e Aberastury e Knobel. Cada uma a seu modo, estas leituras da adolescência situam-na na história da vida do homem, ressaltando-lhe a importância e, dependendo do paradigma a que estejam ligadas, interligando-a as fases que a antecedem, a uma dimensão global da identidade humana ou à sociedade que a envolve. Não fogem a um determinismo – mais ou menos acentuado, de acordo com a teoria – e à generalização universalizante de alguns aspectos, característicos da

Psicanálise. As duas últimas, no entanto, rompem com o biologismo acentuado – e muito criticado – da visão freudiana.

#### **3.1. Freud e o ritmo mítico da tormenta, regido pelo Complexo de Édipo.**

Freud (1856-1939), ao criar a Psicanálise, revolucionou a sociedade da época. Não só trouxe a sexualidade à luz – prenunciando, entre outras coisas, a revolução sexual da era moderna – como modificou a situação das mulheres e crianças para sempre. Ao incentivar seus pacientes adultos a falarem livremente (regra fundamental da Psicanálise), descobriu que as associações que estabeleciam os impulsos levavam de volta a importantes acontecimentos da infância, geralmente ligados a aspectos da vida sexual e à relação com os pais.

Freud tornou a criança, antes relegada a um papel insignificante, figura central na vida do adulto. Ao estudar as causas e o funcionamento da neurose, reconstituiu muitos acontecimentos significativos da infância, a partir dos relatos ouvidos nas análises de adultos, e percebeu que a grande maioria de pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos.

Lá estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais, confirmando que as ocorrências deste período de vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. De acordo com o determinismo psíquico, embora inconscientes, continuam influenciando fortemente o comportamento do homem, ligando passado e presente. Estas descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e permitem que Freud desenvolva um conceito muito importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Conclui, entre outras coisas, que:

- a função sexual existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento, e não só a partir da puberdade, como afirmavam as idéias dominantes;
- o percurso da sexualidade é longo, até chegar à da idade adulta, quando as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem, no homem e na mulher, estar associadas entre si. Tal afirmação contrariava as idéias dominantes na época, de que o sexo estava vinculado exclusivamente à reprodução.

Em seguida, Freud voltou-se para as próprias crianças, objetivando confirmar e ampliar as suas descobertas. Em 1908 tratou, através do pai, o menino Hans, de cinco anos de idade, que desenvolvera uma fobia a cavalos que limitava o cotidiano e interferia na vida familiar do menino. Trata-se do famoso “Caso Hans” (1981:1365-1439).

No segundo dos “Três ensaios sobre a Sexualidade” (1981:1365-1440), Freud descreveu o processo de desenvolvimento psicosssexual, afirmando que o indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, que é erotizado, estando as excitações sexuais localizadas em partes do mesmo (zonas erógenas). Ocorre um desenvolvimento progressivo, ligado às modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto, o que levou Freud às fases do desenvolvimento sexual: oral, anal, fálica, período de latência e genital (a que nos interessa no momento).

Comparando as fases anteriores com a fase genital, Freud afirma:

*Para completar o quadro da vida sexual infantil, é preciso acrescentar que, com frequência ou regularmente, já na infância se efetua uma escolha objetual como a que mostramos ser característica da fase de desenvolvimento da puberdade, ou seja, o conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos. Na*

*infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela vida sexual depois da puberdade. A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas na infância, ou só o são de maneira muito incompleta. Assim, o estabelecimento desse primado a serviço da reprodução é a última fase por que passa a organização sexual (FREUD, 1981: 1210).*

Saído da latência, em que há diminuição das atividades sexuais, o adolescente enfrenta o impacto da puberdade, com as radicais transformações físicas e a revivescência de desejos e fantasias de etapas anteriores (não podemos esquecer que a Psicanálise empresta à adolescência uma tonalidade regressiva). Assim, as pulsões orais e anais exigem satisfação e o binômio *desejo incestuoso/ódio ao pai* (resíduos edipianos) encontra barreiras estabelecidas pelo Superego. Este embate pode dar origem, no plano consciente, a sintomas encobridores dos processo conflituosos inconscientes.

Agora, o objeto de desejo não está mais no próprio corpo, mas externo ao indivíduo – trata-se do outro. Meninos e meninas, já conscientes de suas identidades sexuais distintas, começam a buscar formas de satisfazer as suas necessidades eróticas e interpessoais. No final, dá-se a satisfação libidinal de uma nova modalidade (genital), através da ligação amorosa.

Ao abordarem a genitalidade do adolescente, Rosa, Ribeiro e Markunas (2002: 153) afirmam que persiste, da vivência anterior,

*além da possibilidade de investir em outros objetos, restam o ideal do ego e o superego, ou seja, a prevalência das identificações com os pais – e um destino dado às mesmas – sobre as catexias objetais destinadas aos mesmos.. Um dos resultados do complexo de Édipo é a formação de um precipitado no ego proveniente dessas duas identificações – com o pai e com a mãe.*

Temos aí um primeiro ritmo atribuído à adolescência: a emersão de um profundo conflito pulsional, a partir da revivescência mítica e universal do Édipo infantil, determinando o “produto final” – um adulto mais, ou menos neurótico, dependendo da “resolução” deste complexo.

### 3.2 Erikson e o ritmo vivido no “palco” do grupo: a construção da identidade.

Erik Erikson (1902 – 1994) fez a formação psicanalítica freudiana, significando que aceitava a maior parte das idéias de Freud; era, porém, mais orientado para a sociedade e a cultura do que qualquer outro discípulo do criador da Psicanálise. Isto pode ser explicado, em parte, pelo interesse que tinha pela Antropologia. O fato é que ele desvinculou a sua teoria de aspectos como as pulsões o inconsciente.

Reformulou os estágios do desenvolvimento psicosssexual, propostos por Freud, tornando-os psicossociais, e afirmando que o desenvolvimento humano ocorria de acordo com um princípio epigenético.

Postulava a existência de oito fases do desenvolvimento, ao longo do ciclo vital. A evolução pelos estágios, que têm momento e ordem de ocorrência definidos, determinados pela natureza através da genética, depende muito dos sucessos obtidos nos anteriores.

Cada fase compreende certas tarefas ou funções, que são psicossociais. Ainda que Erikson as chame de *crise*, o termo é bem amplo. São crises “normativas”, que organizam a personalidade no rumo da construção identitária. O termo *crise* pode ser explicado porque, em cada uma, existe um conflito ou antinomia de saídas, que precisa ser resolvido. Se atravessarmos bem ou “resolvermos” apropriadamente um estágio,

levamos conosco certas virtudes ou forças psicossociais que nos ajudarão pelo resto da vida.

Erikson focaliza a força potencial do Ego para lidar com as expectativas e demandas da sociedade de forma criativa, produzindo resultados positivos.

Uma grande inovação de sua teoria foi ter proposto três estágios adicionais, posteriores à adolescência, correspondentes à adultície e à senescência. A forte relação com os pais, proposta por Freud, é transformada na visão da mutualidade: pais e filhos, segundo o autor, se influenciam mutuamente. Assim,

*Na juventude as regras da dependência infantil começam a cair. Não é mais o velho que ensina ao jovem o significado individual ou coletivo da vida. É o jovem que, por meio de suas respostas e ações, diz ao adulto se a vida, da maneira como é representada pelo idoso e representada pelo jovem, tem significado. E é o jovem que carrega em si o poder de confirmar aqueles que o confirmam, de renovar e dar nova vida, ou de reformar e de se rebelar (ERIKSON, 1965: 24).*

O autor destaca a adolescência como, talvez, a etapa mais importante do ciclo vital. Começando com a puberdade e terminando em torno dos vinte anos, a tarefa principal a ser realizada é a construção da identidade do Ego, evitando a confusão de papéis.

O autor afirma, sobre a crise normativa da adolescência:

*Eu denominei a maior crise da adolescência como sendo a crise da identidade. Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer, para si mesmo, certas perspectivas centrais e certa direção, alguma unidade de trabalho além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua*

*consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja* (ERIKSON, 1962: 14).

A identidade egóica significa saber como somos e como nos inserimos na sociedade. Necessitamos, para isto, do que aprendemos, sobre a vida e sobre nós mesmos, adequando-o a uma auto-imagem unificada e consistente. O autor destaca a importância das experiências vividas no grupo, uma espécie de “palco” para as variadas tentativas de consolidação da identidade e para o desempenho de identidades transitórias ou circunstanciais.

Os ritos de passagem que a sociedade define para distinguir criança e adulto também possuem grande importância. Sem eles, entramos em uma confusão de papéis, sem sabermos qual o nosso lugar na sociedade e no mundo. Assim, a indagação fundamental do adolescente é “Quem sou eu?”.

Erikson sugere que a sociedade proporcione ao adolescente uma moratória psicossocial, para que solucione o que não restou bem estabelecido dos quatro estágios anteriores e atinja o desenvolvimento da sua identidade. Caso este não consiga elaborá-la convenientemente, pode repudiar o pertencimento ao mundo adulto ou “fundir-se” a grupos de modo fanático, aderir ao uso de drogas, realizar atividades destrutivas ou apresentar um surto psicótico, por exemplo.

Acreditamos que os estágios propostos por Erikson são um marco teórico para o entendimento da adolescência. Através deles, podemos comparar nossa cultura com outras e a atualidade com a de outros períodos históricos, verificando como os padrões gerais se adaptam a diferentes épocas e culturas e realizando uma bela leitura longitudinal do ciclo de vida do ser humano.

Vale concluir com o que Erikson diz sobre a adolescência, em uma de suas obras mais conhecidas, “Identidade, juventude e crise”:

*A adolescência é, pois, um regenerador vital no processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu o seu significado regenerador* (ERIKSON, 1976:134).

### **3.3. Aberastury e Knobel e a inversão do ritmo: a anormalidade normal ou o modelo da “tempestade e tormenta” revisitado?**

Ao enfatizarem a opinião de Anna Freud, de que é difícil estabelecer o limite entre o que é ou não normal, e estabelecerem a terminologia “síndrome normal da adolescência”, os psicanalistas argentinos Arminda Aberastury (1910-1972) e Maurício Knobel (1922- ) são criticados por estarem retornando ao estereótipo de “tormenta e drama” ou “tempestade e tormenta” aplicado à adolescência, reforçando-o.

Esta designação veio do início do século, quando G. Stanley Hall (1904) publicou a obra “Adolescence”, em dois volumes, e focalizou esta fase do desenvolvimento humano como turbulenta, difícil e conflituosa, com tensões e sofrimentos psíquicos.

Esta visão foi reforçada por alguns psicanalistas que a caracterizavam como de angustiante reativação do Complexo de Édipo e de outras características dos estágios psicosssexuais anteriores.

O confronto logo se deu, principalmente com as abordagens antropológicas do desenvolvimento humano – como a do estudo de Margaret Mead em Samoa, na Oceania, por exemplo.

Isto nada mais é que uma nova versão do histórico conflito, na Psicologia, de duas visões do mesmo fenômeno: o desenvolvimento

humano. Uma o focaliza como universalmente pré-estabelecido; outra, como culturalmente determinado.

Voltando aos autores deste terceiro “ritmo” da adolescência, eles a descreveram como um processo normal, em que as próprias “anormalidades ou sintomas” devem ser vistos como característicos da fase, sem ênfase na patologia. Ao contrário, a não ocorrência de tais “sintomas” deve gerar preocupações e atenção especial ao adolescente.

Aberastury fala do adolescente como “crise” e da própria sociedade:

*Não creio que se possa falar de uma crise da juventude, senão de uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise. Quanto mais travas puserem uma sociedade adulta ao surgimento dos movimentos juvenis, mais distorcidas serão as formas de rebeldia (ABERASTURY, 1980: 31).*

Trata-se, segundo a autora, de um mecanismo esquizóide da própria sociedade, que faz com que uma das suas partes em conflito, a juventude, adquira características do mal, e seja por ela agredida.

Para Aberastury e Knobel, a adolescência é marcada por três grandes lutos, no sentido psicanalítico do termo: pelo corpo infantil perdido, pelo papel e identidade infantil e pelos pais da infância (em alguns textos, Aberastury chega a falar de um quarto luto, pela bissexualidade infantil).

Ao mesmo tempo – lembrando-nos o conceito de mutualidade de Erikson –, os pais também vivem lutos pelo filho criança e pela própria juventude perdida, o que é evidenciado pelo crescimento dos filhos.

Os jovens anseiam ainda, segundo os autores, por três liberdades fundamentais: nas saídas e nos horários; de defender uma ideologia; e de viver um amor e um trabalho.

Segundo os autores, a estabilização da personalidade não é obtida sem que se passe por um certo grau de conduta “patológica”, que caracteriza a “síndrome normal da adolescência”, assim caracterizada:

*Quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo. Neste período flutua entre uma dependência e uma independência extremas, e só a maturidade lhe permitirá, mais tarde, aceitar ser independente dentro de um limite de necessária dependência. Mas, no começo, mover-se-á entre o impulso ao desprendimento e a defesa que impõe o temor à perda do conhecido. É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Este quadro é freqüentemente confundido com crises e estados patológicos (ABERASTURY e KNOBEL, 1981: 15).*

São dez os sintomas que a compõem:

- ✓ Busca de si mesmo e da identidade
- ✓ Tendência grupal.
- ✓ Necessidade de intelectualizar e fantasiar.
- ✓ Crises religiosas.
- ✓ Deslocamento temporal, falta de localização no tempo.
- ✓ Evolução sexual que vai desde o auto-erotismo (masturbação) até a heterossexualidade genital.
- ✓ Atividade social reivindicatória.
- ✓ Contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta.
- ✓ Separação progressiva dos pais.
- ✓ Constantes flutuações de humor e de estado de animo.

#### 4. Adolescência: no contra-ritmo da vida

Embora pareça paradoxal, depois de apresentarmos três tentativas de definir a adolescência, ou dar-lhe um “ritmo”, como metaforizamos, afirmarmos que ela está em um contra-ritmo, em relação à vida.

Vamos agora, através de alguns resultados iniciais das entrevistas realizadas com adolescentes, ilustrar esta afirmativa. As narrativas dos adolescentes marcam o fim da infância e a entrada em uma nova fase da vida, que reconhecem como sendo a adolescência, um período de descoberta do outro gênero. É a época do ficar com alguém do outro sexo em espaços e momentos diferentes. Esse alguém é mutável e quanto mais “alguéns” diferentes, melhor se caracteriza a entrada na adolescência. Se ficarem com a mesma pessoa muitas vezes, já significa namoro e, no início da adolescência, isso não é bem visto pelo grupo. O paradoxo dessa regra social, por eles criada e cultivada, é que o desejo de ter um parceiro pulsa com força mas, para não contrariar seus grupos, agem contra o ritmo do desejo e sufocam a sexualidade em uma aparente liberdade de escolha. Por isso, os amigos assumem um lugar de destaque na adolescência, tornando-se suas famílias e regulando seus afetos. Também funcionam como censura, vigiando para que as regras do grupo não sejam violadas. Uma traição de amigo pode ser mortal, do ponto de vista emocional, para qualquer adolescente, doendo muito mais do que uma briga familiar.

O corpo é marco e referencial neste processo. Sede das pulsões e do narcisismo, ele é adorado e odiado. Submetido a rituais de enquadramento na imagem idealizada, vendida pela indústria cultural, recebe tatuagens e *piercings*, anabolizantes e sessões de “malhação”, sempre em busca da mitificação do “belo”.

Auto e exogenamente erotizado, homo e heterossexualmente vivenciado, ele acompanha os meandros da busca da identidade, da ocupação de um lugar no mundo adulto, à medida que vai sendo incorporado à auto-imagem transicional da infância para a adultície.

Interessante destacar que a noção de ser ou não adolescente também é balizada pelo grupo. É ele que diz se você começou a agir como um de seus membros – se tem capacidade para saber o que é certo e o que é errado no mundo deles e não no mundo dos adultos (luto pelos pais de infância e uma orfandade assumida com pais vivos, outro contra-ritmo da vida).

É nesse lugar também – o mundo dos adultos – que a escola fica situada, mundo onde suas regras e ritmos não valem. Além disso, o chamado para ser alguém na vida é constante, assim como a desqualificação de suas pessoas. A escola torna-se um lugar insuportável e o único conforto possível é o recreio com os amigos e algumas poucas aulas. Os únicos professores que têm a chance de serem queridos e confiáveis, apesar de adultos, são os de Educação Física, Artes, História e Geografia, ordenação decrescente de afinidade fornecida pelos adolescentes nas entrevistas e justificada da seguinte maneira: os professores de Educação Física lhes fornecem espaço físico, liberdade e apoio; os de Arte os ajudam a criar, sem exigirem um modelo único ou padrão; os de História contam casos interessantes e fazem pensar não só no passado, mas principalmente no presente; por último os de Geografia, não aqueles de sempre, que os obrigam a decorar um monte de coisas desnecessárias, mas os que discutem política e questões sociais e gerenciam debates em sala de aula. As outras matérias escolares, com raríssimas exceções, aparecem como disciplinas (leis) do mundo dos adultos, um mundo que não desejam para eles.

### **Referências Bibliográficas**

ABERASTURY, Arminda. “Adolescência”. Em ABERASTURY et al. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

\_\_\_\_\_ e KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal. Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.

CAMARGO, Aspásia “História Oral e Política”. Em: *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

ERIKSON, Erik H. *The Challenge of Youth*. New York: Garden City, 1965.

\_\_\_\_\_ *Young Man Luther: A Study in Psychoanalysis and History*. New York: Norton Falconer, 1962.

\_\_\_\_\_ *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREUD, S. (1905) “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”. Em: *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 1172 - 1283.

\_\_\_\_\_. (1909) Análise da fobia de um menino de cinco anos (caso “Juanito”). *Obras Completas*. Madrid. Biblioteca Nueva, 1981, p. 1365-1440.

ROSA, Elisa Z., RIBEIRO, Alessandra M. e MARKUNAS, Marisa “Psicanálise”. Em KAHALE, Edna M. P. (org.). *A diversidade da Psicologia: uma construção teórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

VILANOVA, Mercedes. “Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais”. Em: *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira e Marcia Souto Maior Mourão Sá são  
Professoras Doutoras da Faculdade de Educação,  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> A pesquisa faz parte da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica, que tem 6 semestres de duração, atravessando todo o Curso de pedagogia. Ao final desse tempo, os alunos têm dois semestres para escrever a monografia baseada em alguma das temáticas trabalhadas na pesquisa do professor da disciplina. Ministrada concomitantemente, a disciplina eletiva “Adolescência e Educação: crise e crescimento”, desenvolvia alguns dos estudos teóricos que deram suporte a este texto.

<sup>2</sup> Este sentimento, que podemos chamar de “desvalimento”, reforça a importância do grupo de pares. Ele é acentuado pelas mudanças que a modernidade impôs a instituições como a família e a escola.